



ARTIGO
ARTICLE

O museu como objeto de pesquisa para o ensino de história: um balanço (1980-2017)

The museum as a subject matter to History teaching: a balance (1980-2017)

Marcelo Henrique Leite 

Doutorando em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

marcelo.leite23@gmail.com

LEITE, Marcelo Henrique. O museu como objeto de pesquisa para o ensino de história: um balanço (1980-2017). *História, histórias*, vol. 9, nº 17, jan./jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.26512/rhh.v8i17.33752>

Resumo: O presente artigo apresenta um balanço sobre as pesquisas na área de Ensino de História que fazem usos do museu entre os anos de 1980 e 2017. Na primeira sessão, é apresentado um mapeamento dos artigos publicados em revistas científicas e em comunicações apresentadas em eventos de Ensino de História. A segunda sessão é composta por uma discussão sobre as referências metodológicas que orientam as produções historiográficas analisadas.

Palavras-chave: Ensino de história; Museu; Historiografia.

Abstract: The present article shows a balance on the research in the History Teaching area, which make use of the museum between the years 1980 and 2017. On the first section, a mapping is presented. Such mapping aims at the articles published in scientific magazines and in communications presented in History Teaching events. The second section comprises a discussion on the methodological references that guide the historiographic productions analyzed.

Keywords: History Teaching; Museum; Historiography.

Este artigo apresenta um balanço sobre o que tem sido pesquisar museu no ensino de história, levando em conta os espaços de sociabilidade intelectual para o compartilhamento de pesquisas, como eventos e revistas científicas da área.¹

O ensino de história tem se fortalecido como campo de pesquisa no Brasil desde as décadas de 1980 e 1990. O crescimento de tais pesquisas pode ser pensado, ao menos, a partir de três fatores: o primeiro, ocorrido em 1981, é a inclusão de professores da educação básica como associados da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH),² fundada em 1961; o segundo é a criação de espaços de sociabilidade para a divulgação, discussão e apresentação de pesquisas voltadas para o ensino de história por parte das universidades, como é o caso do *I Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*,³ ocorrido em 1988, na Universidade de São Paulo (USP) e o *I Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História* (ENPEH), ocorrido em 1993, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e o terceiro é a expansão de programas de pós-graduação em Educação e História.

A passagem para o século XXI é importante para o campo de pesquisa sobre o ensino de história, principalmente por conta do aumento substancial de revistas especializadas. Até então havia a revista *História & Ensino*, editada desde 1995 pelo Laboratório de Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o primeiro periódico acadêmico especializado na área no país. Posteriormente, houve a criação de outras três revistas especializadas, sendo elas, a *Revista História Hoje*, da ANPUH, criada em 2003, a *Revista de Educação Histórica – REDUH*, criada em 2012, e a *Revista do LHISTE – Laboratório de Ensino de História e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) –*, sendo o seu primeiro número em 2014. Conjuntamente com as revistas

¹ O artigo é fruto do primeiro capítulo da dissertação de Mestrado *Ensino de História e museu: Os usos docentes do Museu Republicano Convenção de Itu*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em 2018.

² Em 1993 a ANPUH passou a se denominar como Associação Nacional de História.

³ O primeiro *Perspectivas de Ensino de História* ocorreu na Faculdade de Educação da USP, para um público local. Foi coordenado pela Professora Elza Nadai, que pensava em dar continuidade ao evento, previsto para o ano 1990. Com o seu falecimento, a organização foi suspensa e somente em 1996, ocorreu o segundo ainda na FEUSP. Na assembleia final, decidiu-se pela transformação do evento em um evento nacional, sendo sediado, em 1998.

especializadas, a partir dos anos 2000, os grupos de pesquisa envolvendo educação e história tomaram impulso, principalmente na área de História.⁴

É neste cenário do desenvolvimento das pesquisas que este artigo apresentará como o museu vem sendo tratado como objeto de estudos nas produções acadêmicas sobre o ensino de história na educação básica. Para tal, elaborou-se um conjunto documental com artigos publicados em revistas acadêmicas, assim como comunicações nos eventos de ensino de história que envolvem a temática em questão. Ao fim, a partir da análise das produções, realizar-se-á considerações acerca dos autores que têm orientado estas pesquisas, bem como reflexões para contribuir para o fortalecimento das pesquisas em ensino de história e museu.

O mapeamento

Leandro Almeida, coordenador do Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia (LEHRB), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), levantou 64 dossiês sobre ensino de história publicados em periódicos acadêmicos desde os anos 1980. Utilizaremos o levantamento para efetuar a análise. Os dossiês foram publicados em diversas revistas, sendo 10 da área de Educação, 22 da área de História e quatro revistas especializadas em Ensino de História. Três revistas são multidisciplinares. O levantamento foi elaborado com links para acessar *on-line* os dossiês.

Durante a consulta, em dezembro de 2016, havia 14 links indisponíveis por estar fora do ar ou ter mudado de endereço eletrônico. Do total, três revistas publicaram mais de uma vez dossiê temático sobre Ensino de História: *Antíteses* (UEL), *Educar em Revista* (UFPR) e *Revista Brasileira de História* (ANPUH).

O conjunto documental contém 38 produções, sendo 18 comunicações apresentadas no *Perspectivas* e no *ENPEH*⁵ e 20 artigos científicos.⁶ Para a análise deste

⁴ Ver mais em: EVANGELISTA, Olinda; TRICHES, Jocemara. Ensino de História, Didática de História, Educação Histórica: alguns dados de pesquisa (2000-2005). *Educar em Revista*, p. 1-21, 2006.

⁵ Para localizar os trabalhos apresentados nesses encontros, fizemos uma seleção dos que utilizaram a palavra museu. Apareceram, então, 29 artigos. Analisamos os títulos e resumos e, do total, selecionamos 20 (vinte) para ler e analisar de forma mais detalhada. Os nove trabalhos descartados se referem, apenas, ao ensino de história em contexto não formal de educação, ou seja, o museu não está em diálogo direto com a cultura escolar.

conjunto optou-se por dois movimentos. O primeiro é a criação de duas tabelas e o segundo é a elaboração de fichas de leitura dos artigos. A construção das tabelas⁷ teve como objetivo organizar informações básicas sobre os artigos e autores. A segunda etapa de análise foi o da leitura dos artigos. Para realizar essa leitura criou-se uma ficha para cada artigo, objetivando observar os pontos relevantes para essa pesquisa. Portanto, a ficha contém: título do artigo, nome do autor, objetivo, objeto e relação professor e museu, com foco nos usos do museu.

Neste conjunto constam 51 autores, que podem ser divididos em dois grupos.⁸ O primeiro é composto por pesquisadores ativos na área de Ensino de História e museu, ou seja, seus interesses de pesquisa estão voltados para estas temáticas. Fazem parte desse subgrupo: Carina Costa (UERJ), Cláudia Aristimunha (UFRGS), Isla Matos (PUC CAMPINAS), Jezulino Braga (UFMG), Juliana da Costa Ramos (Universidade Estácio de Sá, do Recife), Soraia Dutra (UFMG), Júnia Sales (UFMG), Lana Siman (UEMG), Ricardo Aguiar Pacheco (UFRPE) e Tatiana Polliana Pinto de Lima (UFRB).⁹ O segundo contempla pesquisadores interessados em áreas afins, como: História da Educação, Patrimônio, Memória, Tecnologias virtuais, História dos Museus e História Antiga. Os artigos sobre Ensino de História e museus escritos por esse grupo são esporádicos dentro da produção de cada um, diferente do primeiro subgrupo.

Um aspecto importante no que se refere aos autores é o local em que fizeram pós-graduação: 27 são formados por universidades mineiras; cinco é o número de formados no Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná, respectivamente; Rio de Janeiro e Pernambuco há dois; Ceará e Bahia há, pelo menos, um autor formado em cada estado.

⁶ Nas quatro revistas especializadas, a busca foi no próprio site, por meio do uso dos descritores *ensino de história e museu*. Nos dossiês temáticos, todos os sumários foram consultados a fim de buscar, nos títulos, a palavra-chave museu

⁷ A primeira tabela possui as seguintes colunas: nome da revista, edição, editor, periodicidade, título do artigo e autor. A segunda tabela possui a coluna nome do autor, área da graduação, área do mestrado, área do doutorado, interesse de pesquisa e o vínculo institucional do autor. Há duas tabelas para as produções em revistas e outras duas, com o mesmo formato, para as publicações em anais de eventos.

⁸ Para a análise dos autores utilizamos como instrumento o currículo Lattes. Considerando que deste total, será analisado apenas 39 (trinta e quatro), pois os demais não estavam com seus currículos atualizado no período da consulta ou mesmo não foi possível encontrá-lo.

⁹ Destaca-se dentro desse grupo a publicação coletiva de um livro direcionado para a reflexão das possíveis relações entre escola e museu, sendo suas autoras as pesquisadoras Júnia Sales, Lana Siman e Carina Costa. *Escola e Museu: diálogos e práticas*, lançado em 2007, por meio de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, a Superintendência de Museus e o Centro de Formação de Professores da PUC-MINAS.

Se observamos o grupo que atua efetivamente em pesquisas sobre ensino de história e museu, percebemos que a concentração destes pesquisadores está, expressivamente, em Minas Gerais.

Estes dados ganham um sentido importante para a área de Ensino de História, quando posto em perspectiva com o perfil de pesquisadores na área traçado por Flávia Caimi.¹⁰ A historiadora analisou as produções acadêmicas depositadas no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) entre 1998 e 2007, usando o descritor ensino de história para identificar teses e dissertações. Levando em conta os autores, se tem o mesmo resultado: a maior presença feminina, 25 pesquisadoras contra 14 pesquisadores. No entanto, no que se refere às áreas do conhecimento há uma diferença. Caimi identificou que é na área da Educação onde se concentra a maioria expressiva das produções, o que difere dos dados aqui coletados: 25 pesquisadores têm graduação em História, 11 em Educação e 03 em Museologia.

A maioria dos museus analisados nos artigos em periódicos e nas comunicações dos eventos científicos são históricos ou de História.¹¹ Similar à concentração em Minas dos pesquisadores sobre o tema, os museus que mais aparecem nas pesquisas são desse estado: Museu de Artes e Ofícios (2005), Museu Histórico Abílio Barreto (1994), Museu da Inconfidência (1944), Museu Antropológico de Ituiutaba (1997), Museu Mariano Procópio (1915). Os museus paranaenses aparecem em seguida: Museu Oscar Niemeyer (2002), Museu Egípcio e Rosacruz (1999), Museu Histórico da Erva-Mate (sem informação) e Museu da Periferia de Curitiba (2011). Os museus paulistas pesquisados são: Museu Paulista (1895), Museu de Arqueologia e Etnologia (1989) e Museu Afro-Brasil (2004). No Rio Grande do Sul aparecem também três museus: Museu Universitário da UFRGS (1984), Museu Histórico de Passo Fundo (1977) e o Museu Dr. Carlos Barbosa Gonçalves (1977). Os museus cariocas presentes são: Museu do Índio (1953), Museu Imperial de Petrópolis (1940) e Museu Histórico Nacional (1922). Em Recife consta um museu, o Museu da Cidade (1982).

¹⁰ CAIMI, Flávia. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (orgs.). O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

¹¹ Museu Digital da Memória Afro-Brasileira e Africana é o único que não se encaixa na definição de um museu de história dentre os museus que são objeto de análise dos artigos.

Não há, no recorte documental estabelecido, pesquisas publicadas em revistas científicas ou apresentadas em eventos nacionais sobre ensino de história que analisem museus das regiões Norte e Centro-Oeste. Do mesmo modo, nota-se a ausência de pesquisadores de ensino de história dessas regiões com interesses em museus.¹²

Conclui-se pelo conjunto documental que o museu de história, operando com a cultura material, é compreendido como local principal a ser visitado por professores e alunos em atividades extra sala de aula. Propositamente, isso se explica na escolha do tipo de museu que consta nas pesquisas. Nota-se ainda, pelas leituras das produções, que, de maneira geral, a história local é o foco das discussões.

Na escolha metodológica para a escrita, tanto dos artigos, quanto para as abordagens das comunicações, percebe-se ser o relato de experiência o ponto de partida principal. Ou seja, no que diz respeito ao estudo do museu, nota-se a experiência relatada advinda seja de uma vivência do próprio autor, seja de terceiros, ser a abordagem privilegiada nesses estudos. Identifica-se também que as pesquisas partem de três pontos: o da sala de aula na educação básica, o do espaço acadêmico e o de profissionais do museu (principalmente da ação educativa).

Os anos de publicação das comunicações em eventos e dos artigos científicos merecem uma reflexão. No que tange as comunicações, 16 foram apresentados no *Perspectivas* e quatro no ENPEH. Acompanhando as edições dos encontros, percebe-se o crescente interesse pelo museu no ensino de história a partir de 2001. O *Perspectivas* teve dois trabalhos apresentados tanto em 1988 como em 1996, na edição de 2001, três trabalhos, na de 2007, dois e na de 2009, novamente três. A edição de 2012 contou com cinco trabalhos, dos quais quatro foram apresentados no GT de Práticas de Memória e Ensino de História. No ENPEH temos um na edição de 2006 e três na edição de 2008.

O primeiro artigo foi publicado em 2006, de Irene Nakou, e apenas a partir de 2009 temos mais constância na publicação de artigos. No ano de 2013 foram publicados

¹² Concentra-se, portanto, na região Sudeste, com o foco em Minas Gerais, o maior número de museus sendo pesquisados. Como já vimos, esse dado é proporcional ao número expressivo de pesquisadores do estado. Esses apontamentos devem ser analisados levando em conta o Cadastro Nacional de Museus feito pelo Instituto Brasileiro de Museus, que indicou que a região Sudeste concentra 38% dos museus brasileiros, enquanto no Sul se localizam 29%, no Nordeste 24,8%, no Centro-Oeste 7,2% e na região Norte apenas 4,8%. Ora, se há baixa presença de museus em cidades fora da capital, por exemplo, isso dificulta tanto o trabalho de professores para deslocar alunos para visitas, quanto o trabalho acadêmico, com foco de pesquisar a relação escola-museu nesses lugares.

sete artigos. Esses dados são muitos significativos para entender o museu dentro da historiografia. Se considerarmos que desde a década de 1980 os trabalhos em ensino de história ganham força, e só a partir dos anos 2000 vemos publicações em revistas especializadas, que existem desde 1995, é esclarecedor sobre a pouca atenção que o museu recebeu nos últimos anos. Cabe, dentro dessa perspectiva, chamar atenção para o trabalho de Paulo Knauss que, partindo de um furto de uma tabaqueira do Museu Mariano Procópio, nos anos 1940, traça uma trajetória da relação entre museu e visitantes escolares, principalmente a partir de 1950, quando a educação em museus passava a estar na ordem do dia das discussões internacionais. Sendo assim, visitas escolares a museus não são recentes, mas as pesquisas científicas sobre escola e museu no ensino de história, sim.

Os referenciais metodológicos

Apresentado o balanço, a proposta agora é discutir os estudos que têm orientado as pesquisas de ensino de história e museu. Os autores mais citados nos artigos e nas comunicações são: Ulpiano Bezerra de Meneses, Francisco Régis Ramos, Júnia Salles, Lana Siman e Maria Lourdes Pereira Horta. O mais citado é Francisco Régis Ramos, em 13 publicações; Ulpiano Bezerra de Meneses, em 10; Júnia Salles e Lana Siman, em oito; Maria Lourdes Pereira Horta, em sete. Ressalte-se que Horta é citada apenas nas comunicações.

Educação Patrimonial

A respeito da Educação Patrimonial é necessário pontuar que, embora presente em discussões sobre ensino de história e museu, esse processo educativo não é voltado apenas para as ações promovidas por instituições museológicas. Outro aspecto importante é reconhecer que essa prática – a de educar por meio de patrimônios culturais – tem sua própria historicidade e, ao longo dos anos, vem ampliando pesquisas a fim de orientar o planejamento e a execução de ações educativas de acordo com os debates da área de pesquisa do Patrimônio.

Maria Lourdes Pereira Horta publicou pelo IPHAN, em 1999, o *Guia de Educação Patrimonial*. Escrito sob o formato de manual, apresenta uma metodologia própria para o

trabalho com o patrimônio cultural, por meio de mapas conceituais, tabelas, dicas e modelos de fichas para a análise de bens patrimoniais. Sua primeira parte é destinada à apresentação de conceitos. A segunda propõe atividades práticas. Por fim, há estudos de caso envolvendo o uso da metodologia.

O guia define o patrimônio cultural brasileiro como composto por variadas formas de expressão cultural – material e imaterial –, desde os objetos históricos que evocam uma memória nacional, até os modos de fazer, saberes, práticas, festividades de uma região, comunidade ou grupo social.

O guia contém a ideia de “alfabetização cultural”, que consiste na leitura do mundo em que o indivíduo se insere. “O patrimônio cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles”.¹³

A discussão sobre educação patrimonial não se encerra nas propostas de Horta, pode-se entendê-la como ponto de partida para outras publicações do IPHAN, destacando publicações oriundas da parceria IPHAN e o Mais Educação, programa do Ministério da Educação, em 2013. É importante destacar que foi publicado “Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos”¹⁴, em 2012 e “Educação Patrimonial: inventários participativos”¹⁵, em 2016.

Atila Bezerra Tolentino, orientado por novas abordagens da Educação Patrimonial, reconhece que as práticas educativas devam ser constituídas em diálogos com a comunidade. Sendo assim, o patrimônio cultural não deve ser algo dado, ou seja, que o museu, por exemplo, informe o que é ou não é patrimônio. Portanto, pensar a educação patrimonial em um viés participativo

abre a possibilidade de construção coletiva do que é considerado patrimônio cultural, a partir do diálogo e da negociação, tendo em mente inclusive os conflitos que possam surgir nesse processo, o que implica debate, embate, dissenso, consenso. O que importa é a reflexão crítica na definição e apropriação do patrimônio cultural, com a participação democrática dos agentes e detentores das

¹³ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico da Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN / Museu Imperial, 1999, p. 6.

¹⁴ FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana Bezerra; RAMASSOTE, Rodrigo. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN, 2014.

¹⁵ FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. *Educação Patrimonial: inventários participativos*. Brasília: IPHAN, 2016.

referências culturais nesse processo.¹⁶

Ensino de história e museu

No caso da educação em museu, especificamente, temos três referências: a atuação de duas autoras em Minas Gerais, Júnia Sales e Lana Siman; o trabalho do paulista Ulpiano Menezes e do cearense Francisco Régis Ramos. O que se verá a seguir é uma possibilidade de compreender de maneira mais aprofundada as referências que têm norteado as produções.

Os textos de Júnia Sales e Lana Siman são citados em oito produções do conjunto documental. Vamos apresentar as visões das autoras sobre escola e museu presentes nas publicações: *Escola e museu: diálogos e práticas*¹⁷ e *Andarilhagens em chãos de ladrilhos*.¹⁸ O museu, para as historiadoras, é, assim como para Ulpiano Menezes e Francisco Ramos, um lugar para repensar o nosso próprio tempo, a partir do passado. Essa perspectiva sobre o museu está presente nas duas publicações das autoras.

Andarilhagens em chão de ladrilhos traz uma discussão sobre o posicionamento dos museus históricos na contemporaneidade. As autoras narram as mudanças em suas concepções de exposição. Se, no século XIX, os museus eram espaços da história total e de personagens políticos, com as mudanças na museologia e na historiografia, na segunda metade do século XX, passaram a conter uma história fragmentada, em que os percursos são orientados não mais por uma história cronológica, mas sim por perguntas, temas ou recortes dos conteúdos.

Em linhas gerais, a proposta das historiadoras é pensar o visitante como um andarilho, que faz seu percurso a pé e requer atenção e passos lentos, diferente dos passos velozes que se está habituado a dar na velocidade do cotidiano das cidades. Júnia Sales e Lana Siman demarcam que o trabalho educativo no museu precisa propor leituras múltiplas, para além da possível linearidade de uma exposição.

¹⁶ TOLENTINO, A.B. Educação Patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces. Revista CPC-USP, São Paulo, no. 27, especial, 2019. P.146.

¹⁷ PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvana Sousa do. *Escola e museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007.

¹⁸ PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana. *Andarilhagens em chãos de ladrilhos*. In: FONSECA, Selva Guimarães (org.). *Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas: Alínea editora, 2009.

Com uma outra linguagem, menos acadêmica, fazendo uso de perguntas, diálogos ficcionais e experiências, *Escola e museu: diálogos e práticas*, busca ampliar a atuação de professores ao usarem o museu em sala de aula. O livro procura incentivar que os professores desenvolvam práticas interativas e reflexivas, a fim de criar diálogos com os alunos acerca dos discursos dos museus – montados por meio de múltiplas linguagens –, de forma a incentivar a autonomia dos alunos nas experiências em museus, entendendo que a ida deve ser revestida de descobertas e encantamentos.

Nota-se a proposição de um diálogo efetivo entre escola e museu, desde que o museu possa reconhecer o trabalho docente em sala de aula e o professor compreender o papel educativo do museu, que tem especificidades próprias.

O que queremos propor aqui é pensar a questão do referencial teórico. No livro *Escola e museu: diálogos e práticas* há o encontro dos três historiadores já citados. Francisco Régis Ramos e Ulpiano Meneses, por exemplo, são mobilizados pelas autoras na temática acerca de leituras dos objetos em museus.

O trabalho com fontes históricas em museus envolve prioritariamente vestígios materiais. (...) De acordo com Francisco Ramos, "(...) é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história na materialidade das coisas" (RAMOS, 2004, p. 21). Mas é também possível exercitar o ato de ler "através dos objetos" (MENEZES, 2000), perscrutando-lhes significados outros, não ditos ou não suspeitados. Esse movimento pressupõe comparações entre objetos, compreensão de linguagens dos objetos e do museu, além da liberdade de produção de novos enunciados e gestos de imaginação.¹⁹

A produção de Ulpiano Meneses foi fundamental para a consolidação de pesquisas sobre ensino de história e museu, estando presente no trabalho das autoras mineiras, assim como no de Francisco Régis Ramos. Os três textos de Menezes citados nos artigos e comunicações são: *Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico*²⁰; *Educação e museus: sedução, riscos e ilusões*²¹ e *O museu e o problema do conhecimento*²².

¹⁹ PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvana Sousa do. *Escola e museu...* p. 41.

²⁰ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *Do teatro da memória ao laboratório da História...* op. cit. Este texto também foi publicado em: VIDAL, Diana; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. (orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

²¹ MENEZES, Ulpiano Bezerra. *Educação e museus: sedução, riscos e ilusões*. *Ciências & Letras*, n. 27, p. 91-101, 2000.

²² *Idem*. *O museu e o problema do conhecimento*. Anais do IV Seminário sobre Museus-Casa, 2002. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

Cabe, portanto, explorar os aspectos que compõem o trabalho de Meneses. Ulpiano formou-se em Letras Clássicas na USP. Em 1959, foi fazer um curso de Arqueologia Clássica em Paris, no entanto, optou pela pós-graduação e concluiu um doutorado em Arqueologia Clássica. No período, participou de expedições arqueológicas na Grécia. De volta ao Brasil, em 1968, dirigiu o Museu de Arqueologia e Etnologia por cerca de 10 anos, e em 1992, assumiu a direção do Museu Paulista, ambos vinculados à USP.

O eixo de seus trabalhos é a importância da discussão sobre cultura material no museu. Aqui cabe chamar atenção do quanto os estudos de arqueologia foram essenciais na formação de Menezes como um intelectual, sendo assim, estão presentes em suas reflexões acerca das possibilidades de diálogos entre ensino de história e museu. Se levarmos em conta que os tipos de museus que mais aparecem nas pesquisas são os que operam com a cultura material, as discussões de Menezes são essenciais para um ponto de partida.

O museu de história tem a grande missão de ensinar a historicidade do mundo material em que estamos mergulhados. Ele trabalha com essas mediações sensoriais, então, é nesse sentido que se deve investir. Ele precisa ser um museu de cultura material, mas não para você ter séries de artefatos e dizer, "olha, os artefatos de cozinha conhecidos eram esses e esses". Isso é uma base, um ponto de partida para você trabalhar problemas históricos. *A primeira coisa que precisei discutir foi se o museu de história deve ser um museu de problemas históricos ou de coisas históricas.*²³ (grifo nosso)

Indo ao encontro do trabalho de Ulpiano Meneses, em 2004, Francisco Régis Ramos lança o livro *A danação do objeto: o museu e o ensino de história*²⁴. Na obra há três capítulos que se baseiam nas obras de Meneses: *A história dos objetos*, *Objetos biográficos e biografados* e *Ex-posição: objeto locado, deslocado e colocado*. Os títulos não enganam, nos capítulos, Ramos dedica-se a discorrer sobre a potencialidade dos objetos em se constituírem como pontos de partida para uma reflexão crítica acerca do que está exposto, assim como incorporá-los como documentos históricos e reconhecer seus trajetos antes de chegar ao museu. "Ninguém vai a uma exposição de relógios

²³ HEYMANN, Luciana Quillet; LOPES, Aline. Entrevista com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. *Estudos Históricos*, v. 24, n. 48, p. 405-431, 2011. HEYMANN, Luciana Quillet; LOPES, Aline. Entrevista com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. *Estudos históricos*, v.24, n.48, 2011.

²⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no Ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária”.²⁵

O livro de Francisco Régis Ramos não se encerra nas discussões sobre a cultura material, mas avança em refletir sobre os sentidos que se dá à prática pedagógica, e para isso demarca a proposta do objeto-gerador, baseada nos estudos sobre palavra-geradora de Paulo Freire. “Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na ‘palavra-geradora’ constituiu uma fonte de inspiração para o papel do museu no ensino de história.”²⁶ A proposta não se encerra apenas em o professor, arbitrariamente, escolher o objeto a ser trabalhado, mas também pode partir da escolha de alunos, ou visitantes, desde que o objeto possa dialogar com outros objetos, a fim de criar um maior campo de visão para a complexidade do mundo da cultura material.

O próprio autor reconhece que esta sua proposta tem como objetivo aprofundar as relações entre pesquisa histórica, ensino de história, museologia e pedagogia, que, no caso dele, se pautou em Paulo Freire. É neste caminho que Zita Possamai apresenta, em 2018, um artigo que defende a interface entre os estudos de História, Educação e Museologia.

A historiadora, docente do curso de Museologia da UFRGS, argumenta sobre a importância de se reconhecer a história das ações educativas na perspectiva da história dos museus brasileiros, assim como o esforço em compreender a educação em museus como parte da História da Educação.

(...) não é possível fazer uma história dos museus sem mencionar seu caráter educativo, tendo em vista que estas instituições foram criadas com objetivos, mais ou menos explicitados, de se constituírem em lugares de mediação entre os sujeitos e uma determinada herança do passado. Desse modo, os museus proporcionam um diálogo com o tempo e com os restos selecionados para representar o pretérito para as gerações que virão. Desse pecado original, nenhum museu consegue escapar, ao contrário, os contornos atuais tendem a demonstrar o aprofundamento desse viés educativo dos museus no presente.²⁷

O ponto que Possamai apresenta é essencial para a discussão do tema deste artigo, pois o balanço apresentado pouco explora estudos de outras áreas do

²⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto...*, p. 19.

²⁶ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto...*, p. 32.

²⁷ POSSAMAI, Zita R. Olhares cruzados: interfaces entre História, Educação e Museologia. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol.III, n. 06, 2015. P.27

conhecimento para compor as análises de suas experiências. No caso de Francisco Régis Ramos, seu livro é escrito tendo como ponto de partida sua atuação no Museu do Ceará, mas não se encerra no relato de experiência, faz uso de referências teóricas da área da Museologia e Educação para pensar sobre ensino de história e museus.

Os usos de olhares intercruzados, como chama Possamai, estão postos no trabalho de Camillo Vasconcelos,²⁸ do qual também parte de sua experiência frente ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. A proposta é pensar como um museu pode contribuir para uma visão crítica dos estudantes, entre 12 e 14 anos, sobre os povos indígenas, elencando quatro questões antes e três após a visitação. A estrutura do texto se ancora em apresentar as tabelas com as respostas coletadas, 274 ao total; seguida de considerações acerca dos resultados. O objetivo de Vasconcelos foi tentar compreender o impacto que uma visita pode ter nas visões dos alunos sobre os povos indígenas.

Para tanto, dois elementos são importantes no texto: o uso de um referencial teórico da área da Educação, David Ausubel, que, baseado na teoria da aprendizagem, afirma que ninguém aprende algo se não tiver relação com o que já conhece. Por esta razão é que no trabalho de Vasconcelos mapear os conhecimentos prévios de escolares se torna fundamental. Outro elemento é do uso dos trabalhos da área da Museologia, Ulpiano Meneses, Heloísa Barbuy e Marília Xavier Cury, para pensar o quanto a comunicação revela uma concepção de mundo dos que organizam exposições assim como é um elemento de educação social. O texto de Ulpiano Meneses, usado por Camillo, é *O discurso museológico: um desafio para os museus*. Trata-se de texto diferente do que consta entre os citados no conjunto documental analisado aqui nesse artigo. No trabalho de Vasconcelos, Meneses é usado para uma discussão sobre exposição museológica. “Não é a partir de uma única visita a esse espaço que podemos modificar completamente esse processo que envolve não apenas a visita ao museu, mas todo um contexto educacional, histórico e político afora dificuldades de outras ordens.”²⁹ Embora o olhar de Vasconcelos seja o de pensar o impacto de uma exposição nas visões dos alunos, este mobiliza, por exemplo, os estudos de Circe Bittencourt para reflexões sobre livro didático e as representações indígenas nos mesmos.

²⁸ Nota-se que este autor aparece em duas comunicações no conjunto documental analisado.

²⁹ VASCONCELLOS, C. M. O imaginário sobre o indígena: uma experiência de aprendizagem significativa no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol. IV, nº. 07, 2015.p. 242

Desafios pela frente

A partir do mapeamento vimos um crescente interesse pela temática que torna o museu objeto de estudo nas pesquisas do ensino de história. Levando em conta que o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), por meio do Cadastro Nacional de Museus, mapeou 3.025 instituições museológicas em 2010, percebemos que é inegável o vasto terreno que ainda há para ser explorado. Para tanto, algumas questões devem ser enfrentadas, sendo as principais as três que se seguem.

A primeira é a necessidade do diálogo com a área de Museologia para discussões sobre exposição e, principalmente, sobre ações educativas. Há estudos consideráveis quando se trata de setores educativos, como é o caso da tese de Maria Machado³⁰, em que chama a atenção para conceber as ações educativas como intenções pedagógicas e contextualizadas dentro das necessidades do seu tempo. Estudos analíticos sobre o diálogo entre as ações educativas e a sala de aula ainda são escassos.

Uma segunda consideração é reconhecer que há outras tipologias de museus que requerem, concomitante, novas orientações teóricas. Um exemplo seria os museus-espetáculos que, segundo Regina Abreu, são espaços marcados pelo alto uso de tecnologia com realidade aumentada e experiências midiáticas inovadoras, aliadas com a iniciativa privada, como o Museu do Futebol, em São Paulo, o Museu Cais do Sertão e o Paço do Frevo, em Recife, ou o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Uma outra característica de museus seria o que a socióloga Amy Sodaro discute a partir do conceito museus memoriais, marcadamente pela necessidade em se musealizar as violências políticas e abusos relativos aos Direitos Humanos, como o Memorial da Resistência, em São Paulo.

Uma terceira é reconhecer a forte presença do relato de da experiência na produção historiográfica sobre o ensino de história e os museus. Uma visita com alunos, uma ação educativa, análise das experiências de professores por meio de entrevistas são exemplos que, em linhas gerais, são sustentados por uma ação concreta de visita. Ainda sobre esse ponto, se vê a preocupação em relatar o processo de elaboração da visita e os

³⁰ MACHADO, Maria Iloni Seibel. O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987-2006) e a experiência do Museu da Vida. UNICAMP: Campinas, 2009 (Tese de Doutorado).

procedimentos utilizados. No entanto, devemos reconhecer a importância de transcender esse modelo instrumental ou descritivo da experiência e, assim como Francisco Régis Ramos, propor análises que possibilitem novos olhares, perspectivas teóricas e diálogos com outras áreas

Por fim, é necessário demarcar que de 2017 a 2020 há, ao menos, oito dissertações sobre ensino de história e museu defendidas no ProfHistória.³¹ A última edição do ENPEH, em 2019, ocorrida em Cuiabá (MT), contou com um simpósio temático sobre o tema, coordenado por Aline Montenegro Magalhães, Carina Martins Costa, Carmem Zeli de Vargas Gil e Mônica Martins da Silva, em que foram apresentados 14 trabalhos. Em dezembro de 2019 tivemos também o dossiê “Educar e aprender em museus. Perspectivas para o ensino de História”, dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, com a apresentação feita por Aline Montenegro Magalhães, Carina Martins Costa e Francisco Regis Lopes Ramos. Estes exemplos são parte integrante da própria trajetória do museu como objeto de pesquisa, que, cada vez mais, ganha espaço nas pesquisas sobre o ensino de história.

Referências Bibliográficas

Fontes

Artigos científicos

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; ARAUJO, Edson Sousa Lucas de; PEREIRA, Kaiene de Carvalho. Museus e educadores: uma reflexão sobre o uso de museus como ferramenta pedagógica. *Revista Latino-Americana de História*, v. 2, n. 6, p. 553-568, 2013.

BRAGA, Jezulino Lucio Mendes. Experiências de visitas ao Museu Imperial: relatos de graduandos em História. *AEDOS*, v. 7, n. 17, p. 431-447, 2015.

BRAGA, Juzelino. O museu em processo: oralidades no uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte/MG. *História & Ensino*, v. 21, n. 2, p. 29-42, 2016.

COMPAGNONI, Almir. A formação do pensamento histórico de crianças em ambiente de museu. *Revista de Educação Histórica*, n. 2, p.158-169, dez. 2012 - abr. 2013.

CURY, Cláudia Engler. Educação Patrimonial e as interfaces com o Ensino de História: os museus de rua em São Paulo. *História Revista*, v. 14, n. 1, p. 51-62, 2009.

DUMBRA, Camila Nataly Pinho; ARRUDA, Eucídio Pimenta. Museus interativos: interfaces entre o virtual e o ensino de história. *Revista OPSIS*, v. 13, n. 1, p. 120-136, 2013.

³¹ https://profhistoria.ufrj.br/banco_tese

HECKO, Leandro. Educação história e museus: um olhar sobre o museu como forma de apresentação do conhecimento histórico. *Revista de Educação Histórica*, n. 5, p. 153-162, 2014.

HOLLERBACH, Joana D'Arc Germano. O jovem e sua concepção de História: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico. *Caderno de Pesquisa do CDHIS*, n. 40, p.133-142, 2009.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. História, ensino e pesquisa em museus: uma experiência no Museu Histórico Regional (MHR). *AEDOS*, v. 5, n. 12, p. 78-94, 2013.

LIMA, Tatiana Polliana Pinto de. Museu pedagógico de História e ensino de história: a construção de um museu em sala de aula. *Revista Historien*, n. 9, p. 130-142, 2013.

NAKOU, Irene. Museus e Educação histórica numa realidade contemporânea em transição. *Revista Educar*, v. 22, n. especial, p. 261-273, 2006.

PACHECO, Ricardo. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. *Tempo e Argumento*, v. 4, n. 2, p. 63-81, 2012.

RIOS, Kênia. O amor no museu: uma experiência de ensino de História com objetos do amor romântico. *História Hoje*, v. 3, n. 3, p.139-153, 2014.

ROZA, Luciano Magela. Heterogeneidade temática e usos da memória de uma experiência histórica: uma visita ao Museu Digital da Memória Afro-Brasileira e Africana. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 6, p. 223-238, 2014.

TAUSCHECK, Wagner. Lugares de memória: museologia comunitária e as primeiras aproximações com a educação histórica. *Revista de Educação Histórica*, n. 4, p.134-145, 2013.

VIEIRA, Otávio Augusto Diniz. O museu e sua função socioeducativa: o caso do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS). *Cadernos do Aplicação*, v. 22, n. 2, p. 67-95, 2009.

Apresentações em eventos – Encontro Nacionais de Pesquisadores do Ensino de História

APARECIDA, Elizabeth; SEABRA, Duque. Quem gosta de coisa velha é museu, ou os homens estão na moda? Visitas à museus e a formação de professores. In: *Edição 8*, 2008, São Paulo.

COMPAGNONI, Alamir M; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Da sala de aula ao museu: construindo uma consciência histórica. In: *Edição 8*, 2008, São Paulo.

MIRANDA, Sonia R.; PELIZZONI, Gisela Marques; SOUZA, Raphaela de; ALVIM, Yara Cristina. Mediadores culturais da aprendizagem temporal: Práticas de memória e compreensões do passado pela criança. *Edição 7*, 2006, Belo Horizonte.

SILVEIRA, Mariana. Ensino História através do museu: o relato de experiência a partir da leitura histórica de imagens. In: *Edição 8*, 2008, São Paulo.

Apresentações em eventos – Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História

ANDRADE, João C. R. Os processos de vista construídos pelos professores de história com os alunos da E.J.A ao museu de artes e ofícios: Potencialidades da relação entre ensino de história e memória. In: *Edição 7*, 2009, Uberlândia.

ARISTIMUNHA, Claudia P; DEBOM, Rosangela G. Uma tentativa de aproximação museu e escola: O museu universitário da UFRGS. In: *Edição 4*, 2001, Ouro Preto.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Museu é lugar de expor e propor ideias: Os museus e o ensino de história. In: *Edição 8*, 2012, Campinas.

CASTRO, Lana M.; COSTA, Janice Pereira da. Escola, museu e ensino de história: Perspectiva teórica e metodológica para avaliação desta relação: Um estudo de caso. In: *Edição 4*, 2001, Ouro Preto.

COSTA, Carina Martins. Comemorar no “ninho de relíquias”: Ações memoriais no Museu Mariano Procópio (1944-1980). In: *Edição 8*, 2012, Campinas.

CRUZ, Shirleide P. da S. Museu como espaço da educação patrimonial na visão docente. In: *Edição 6*, 2007, Natal.

DUTRA, Soraia Freitas. Quando um museu se reinventa e reencontra a escola: Ações educativas do museu histórico Abílio Barreto na relação com o público escolar. In: *Edição 8*, 2012, Campinas.

GONÇALVES, Ana Paula. Ensino de História no Museu de Artes e Ofícios: o museu vai à escola. In: *Edição 6*, 2007, Natal.

GUILHOTI, Ana Cristina. Pensamos historicamente dentro de um museu de história? In: *Edição 2*, 1996, São Paulo.

MATOS, Isla Andrade Pereira de. O ensino de história outside: O museu afro-Brasil na discussão da identidade nacional. In: *Edição 8*, 2012, Campinas.

MATTOS, Yara. O museu da inconfidência como sistema de meios para o ensino de história. In: *Edição 4*, 2002, Ouro Preto.

MENEZES, Cláudia Menezes; FREIRE, Beatriz Muniz. O museu do índio do Rio de Janeiro e seu programa educativo In: *Edição 1*, 1988, São Paulo.

PEREIRA, Júnia Sales. Tematizando a história no museu. In: *Edição 7*, 2009, Uberlândia.

SILVA, Maria Angélica da Costa; SILVA JÚNIRO, Astrogildo Fernandes. O museu como lugar de ensino e aprendizagem em história: Experiência no estágio supervisionado. In: *Edição 8*, 2012, Campinas.

VASCONCELOS, Camillo. A questão do ensino da pré-história In: *Edição 1*, 1988, São Paulo.

VASCONCELOS, Camillo; ALMEIDA, Adriana; BOGUS, Ricardo; LEMOS, Carmem S.; MATTOS, Yara; CHAGAS, Mario; CALDEIRA, Ruth B. Relação museu / escola: Realidade e Perspectivas In: *Edição 2*, 1996, São Paulo.

Referências

ABREU, Refina. M. R. M. A Metrópole Contemporânea e a Proliferação dos Museus-Espetáculo. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 44, p. 53-73, 2012.

ALMEIDA, Leandro Antonio de. *Dossiês sobre Ensino de História em Revistas Acadêmicas*. UFRB, 2016. Disponibilidade restrita. Até junho de 2016 disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/lehrb/sites-apoio-ao-professor/dossies-academicos>

BEZERRA, Rafael Zamorano. Relíquia. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.

BITTENCOURT, Circe. Produção didática de História: trajetórias de pesquisas. *Revista de História*, n. 164, p. 487-516, 2011.

BRAGA, Jezulino. Professores de história em cenários de experiência. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Legislação sobre museus*. 3ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2017.

CAIMI, Flávia. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

CAZELLI, S., MARANDINO, M., STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (orgs.). *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Editora Access, 2003.

COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. O ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. *Saeculum: Revista de História*, n. 16, p. 147-160, 2007.

COSTA, Carina Martins. *Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

DUTRA, Soraia Freitas. A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

EVANGELISTA, Olinda; TRICHES, Jocemara. Ensino de História, Didática de História, Educação Histórica: alguns dados de pesquisa (2000-2005). *Educar em Revista*, p. 1-21, 2006.

FARIA, Ana C. G. de. & POSSAMAI, Zita R. O campo dos museus no Brasil: indícios das relações institucionais em meados do século XX. *Anais do MHN*. Rio de Janeiro, vol.50, 2018.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana Bezerra; RAMASSOTE, Rodrigo. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN, 2014.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. *Educação Patrimonial: inventários participativos*. Brasília: IPHAN, 2016.

HEYMANN, Luciana Quillet; LOPES, Aline. Entrevista com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. *Estudos Históricos*, v. 24, n. 48, p. 405-431, 2011. HEYMANN, Luciana Quillet; LOPES, Aline. Entrevista com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. *Estudos históricos*, v.24, n.48, 2011.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico da Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN / Museu Imperial, 1999.

Instituto Brasileiro de Museus. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Varia História*, v. 27, n. 46, p. 581-597, 2011.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. A historicidade do ensino de história: a pesquisa e o fazer do professor. *Cadernos de História*, v. 15, n. 1, p. 161-171, 2007.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos Museus. *Educação e Sociedade*, n. 40, p. 443-455, 1991.

MACHADO, Ana Maria Alves. Cultura, Ciência e Política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: VIDAL, Diana; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. (orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MACHADO, Maria Iloni Seibel. O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987-2006) e a experiência do Museu da Vida. UNICAMP: Campinas, 2009 (Tese de Doutorado).

MARANDINO, Martha; MONACO, Luciana (orgs.). *Educação em museus: pesquisas e prática*. São Paulo: FEUSP, 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, v.2, p. 9-42, 1994.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências & Letras*, n. 27, p. 91-101, 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra. O museu e o problema do conhecimento. *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casa, 2002*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria; GABRIEL, Carmen Teresa; ARAUJO, Cinthia Monteiro de; COSTA, Warley da (orgs.). *Pesquisa em Ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2014.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. A construção de referenciais para o Ensino de História: limites e avanços. *História Revista*, v. 14, n. 1, p. 193-202, 2009.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvana Sousa do. *Escola e museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de

Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana. Andarilhagens em chãos de ladrilhos. In: FONSECA, Selva Guimarães (org.). *Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas: Alínea editora, 2009.

POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

POSSAMAI, Zita R. Olhares cruzados: interfaces entre História, Educação e Museologia. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol.III, n. 06, 2015.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no Ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Maria Célia T. M. *Museu, escola e comunidade: uma integração necessária*. Salvador: Bureau, 1987.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SEABRA, Elizabeth. Quem gosta de coisa velha é museu, ou os museus estão na moda? Visitas a museus e formação de professores. Trabalho apresentado no 8º ENPEH 2008. São Paulo: USP, 2012.

SILVA, Marco; FONSESA, Selva Guimarães. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papyrus, 2007.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. *Revista Brasileira de História*, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010.

SODARO, Amy. Museus memoriais: a emergência de um novo modelo de museu. Tradução de Cristina Meneguello. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 20, n. 44, p.207-231, 2019

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TAMANINI, E. & STEINBACH, J. Educação e museu: construções e possibilidades interdisciplinares do saber formal escolar e do saber não formal comunitário. In: VASCONCELLOS, C.M.; FUNARI, P.P. & CARVALHO, A. (Orgs.). *Museus e identidades na América Latina*. São Paulo: Annablume, 2015.

TARDIF, Maurice. *Saberes profissionais e formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

VASCONCELLOS, C. M. O imaginário sobre o indígena: uma experiência de aprendizagem significativa no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. *Museologia e Interdisciplinaridade*. Vol. IV, nº. 07, 2015

TOLENTINO, A.B. Educação Patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces. *Revista CPC-USP*, São Paulo, no. 27, especial, 2019.

Recebido em 26 de agosto de 2020
Aprovado em 30 de setembro de 2020